



## **Trauma e identidade deteriorada Meios de Comunicação de Massa e conformação de expectativas<sup>1</sup>**

Dalmer PACHECO <sup>2</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### **RESUMO**

Trauma e manipulação da identidade deteriorada. Vertentes teórico-metodológicas em comunicação e educação e concepções ideológicas. O paradigma dialético – popular. A tentativa de conciliação dos conflitos de classe. Conformação de expectativas como exclusão social. Risco-prazer e o desvio como pecado ou patologia. Sociedade Disciplinar e Sociedade de Controle. Comportamento desviante e manipulação de identidade. A alteridade como desvio de conduta. A categoria do trauma.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1 – comunicação e cultura; 2 – Identidade x Alteridade; 3 – trauma e exclusão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais , do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Jornalista especializado em TV. Produtor-Executivo e Diretor de programas televisivos. Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ) e Professor de Telejornalismo na Universidade Federal de Alagoas onde preside a Cátedra FENAJ de Jornalismo e o INTERMÍDIA. . Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Midiáticas (CNPq). Consultor de Pós-Graduação. Pesquisador de Mídia e Religiões de Matriz Africana.



## 1- INTRODUÇÃO

A meta deste trabalho é discutir as *vertentes teórico-metodológicas em educação e comunicação*, os valores e os processos de valoração e suas respectivas *implicações ideológicas*. A partir desta análise, justificar a escolha do paradigma dialético-popular como o único adequado a assumir o compromisso social com o povo e estabelecer *redes de solidariedade*.

Acreditamos ser oportuna esta discussão no momento em que - nos anos 90 - surgem leituras conciliatórias dos conflitos de classe - em especial a defesa da modernidade - ressuscitando conceitos neopositivistas tais como verdade "objetiva" e "neutralidade" ideológica das Ciências Sociais.

Nossa hipótese é que a conformação de expectativas é o resultado do trauma e da manipulação da identidade deteriorada, a partir da estrutura social normatizante que estabelece critérios de exclusão de múltiplas ordens. Acreditamos que este campo da cultura - com a contribuição efetiva dos MCM - é a arena da luta entre *norma e desejo* e a proposta de *novos modos de pensar*.



## 2- OS PARADIGMAS EM COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

### 2.1- Educação e privilégios de classe

Ao revisitarmos os modelos educacionais, verificamos que a questão central é axiológica. De início, um primeiro questionamento: "é possível a ciência axiológicamente desvinculada?"<sup>3</sup>. Acreditamos que seria o mesmo que admitir o não posicionamento ideológico dos modelos educacionais. Na observação dos modelos, constatamos duas dicotomias: *objetividade-subjetividade*, *valor/valorização*. Diríamos que enquanto o valor está para o objeto (Escola Tradicional), a valorização está para o sujeito (Escola Nova). Só o modelo dialético-popular reúne a objetividade da prática e a subjetividade da teoria.

A prática educacional nos apresenta valores que refletem *modelos onde o conhecimento está ideologicamente comprometido*. A Escola Tradicional caracteriza-se pelo *objetivismo axiológico*, onde *o saber é a meta final*. Nela, os valores resultam da tradição oral, são essenciais e objetivos em si, *eternos e imutáveis*. Neste *modelo autoritário de educação*, as formulações são abstratas e genéricas e o contato com as artes e a literatura visa a transmissão e *reprodução destes valores*. A escola assume um compromisso com a "cultura", com os conteúdos hegemônicos, com a erudição. O aluno tem um papel secundário; as palavras-chave são *esforço e disciplina*. (vide "Sociedade dos Poetas Mortos"). O professor é o intermediário entre os alunos e os modelos, cuja tarefa é ordenar o real e a linguagem, além do exercício da disciplina. Em, contraposição a este modelo, surge a *Escola Nova* que se caracteriza pelo subjetivismo individualizante, onde a *não-intervenção* é a palavra de ordem. O valor é a projeção do ato de valorização do aluno. Ao contrário da Escola Tradicional, as formulações são concretas, porém subjetivas. Na escola, a atividade é exercida em função do público-alvo; é o *meio-vivo, princípio da necessidade*, colocando o aluno no centro do processo educacional. Há um reforço da metodologia em detrimento do conteúdo. A função do professor é estimular interesse, ser "testemunha". Aqui *o entusiasmo é mais importante que a erudição*.

Interessante notar que a Escola Nova que, se coloca como alternativa educacional, como contestatória da Escola Tradicional, acaba por reproduzir resultados com os quais pretendeu acabar. De fato, a primeira objeção que se faz a esta proposta é

---

<sup>3</sup> SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa. Petrópolis, Vozes, 1986.



que termina socializando a ideologia liberal burguesa. Por outro lado, a leitura individualizante do processo não permite uma análise macro de fatores sócio-político-econômicos. Além disto, através da organização do meio e das programações de estudo, exerce intervenção, contradizendo a proposta básica do modelo. Quando da implantação da "democracia" através do processo educacional, passa a reproduzir "verdades".

O único modelo que nos oferece uma alternativa em educação é a *Escola Progressista* que, partindo do referencial do materialismo histórico-dialético, *persegue o saber vinculado às relações sociais*. As formulações desta vertente reúnem a objetividade da prática e a subjetividade da teoria. Nesta concepção, o homem não é conceituado a partir de considerações metafísicas sobre sua natureza, mas por um *projeto político de sociedade*. Privilegia os conteúdos e a análise dos modelos; a autoridade está centrada no trabalho e *na predominância do coletivo sobre o individual*. A Escola Progressista trabalha com conteúdos concretos indissociáveis das realidades sociais. *A possibilidade de transformação social está na apropriação/desapropriação/reapropriação do saber, consoante proposta freiriana (1970)<sup>4</sup>*. O aluno confronta suas apreensões com os conteúdos e os modelos do professor; este é agente social cuja intervenção se dá como a síntese entre os princípios do prazer e da realidade. O modelo educacional dialético-popular (ou progressista, como preferem alguns autores) prioriza o coletivo, usa o critério da práxis e *o conhecimento é produzido a partir de rupturas, desestruturas e reestruturas dos modelos de pensar e dos valores*. Leva-se em consideração tanto o valor - preocupação da Escola Tradicional - quanto a valoração - enfatizada na Escola Nova. O saber, que na proposta tradicional é artificial e hermético e na perspectiva renovada é espontâneo, é socialmente significativo. Valor e valoração se relacionam dialeticamente, na produção do conhecimento.

É oportuno lembrar que a educação tem um sentido diferente para a classe média do que para os que estão privados de estímulos culturais onde prevalece - segundo RIESSMAN<sup>5</sup> - a neutralidade que privilegia o antiintelectualismo pragmático. A educação passa a ter valor de mercado como forma de ascensão no trabalho, como defesa dos mais "espertos", e pelo respeito às Ciências, Exatas, naturalmente.

---

<sup>4</sup> A concepção de Paulo Freire - que reformulou a educação - se baseia no conhecimento produzido a partir do mundo circundante, da realidade social. Ver FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Pais e Terra, 1978.

<sup>5</sup> Ver RIESSMAN, Frank. *Trabajo psicologico y pedagogico con niños de clases populares*. Argentina, Tiempo Contemporaneo, 1974.



Outra questão que merece ser levantada é a Extensão Universitária que - em sua expressiva maioria - tem refletido uma prática conservadora da educação como mantenedora de privilégios de classe, ao invés de ser um instrumento a favor da consciência crítica. É oportuno recordar que a Reforma Universitária de 1968, que institucionalizou a extensão, é projetada dentro das práticas da Ideologia da Integração Nacional da ditadura militar. São os Campi Avançados e o Projeto Rondon que deixam os jovens com a sensação do "dever cumprido". A Reforma de 68 cria a departamentalização, a matrícula por disciplina e a extensão assistencialista, com a conseqüente pulverização do movimento estudantil e o "agradecimento" das populações oprimidas. Dados de 1982 revelam que dentre 35 Instituições de Ensino Superior - toda federais - *apenas 18% das pró-reitorias de extensão tinham propostas problematizadoras*. A maioria cumpre projetos definidos pelo pró-reitores que fazem da extensão uma repetição da *educação bancária*.<sup>6</sup>

## 2.2 - Comunicação e Processos de Valoração

As políticas de comunicação refletem a influência de correntes teórico-metodológicas que, por sua vez, nos remetem à ordem ideológica. Podemos identificar uma corrente que tem se preocupado com os conteúdos da cultura, desembocando no estudo dos meios de comunicação de massa, e outra difusionista que analisa comunicação enquanto instrumento de propaganda cultural. BARBERO (1985) nos coloca que a crise de identidade dos povos latino-americanos nos faz pensar as relações entre cultura e política e entre cultura e comunicação: assumir a heterogenidade da produção simbólica para enfrentar as lógicas da Indústria Cultural. O ponto central é a política na comunicação a partir do conceito de sujeito social, na dimensão da cidadania. "Los campos continúan sustentando viejes concepciones excluyentes entre cultura y masas, y nuevas concepciones reductoras de la comunicación."<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Análise dos programas de extensão das Universidades Brasileiras demonstra poucas propostas populares e de efetiva inserção nas comunidades no início da década de 80. A referência ao conceito de educação bancária pode ser vista em Paulo Freire. Ver SANTOS, Renato Quirino dos. Educação e extensão: domesticar ou liberar? Petrópolis, Vozes, 1986.

<sup>7</sup>MARTÍN-BARBERO, Jesus. Comunicación y cultura. TELOS, Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad, nº 19, Madrid, 1985. p. 10



É fundamental a compreensão do panorama da América Latina, a partir da década de 70: projetos neo-conservadores para superação da crise, com propostas eminentemente econômicas. Alguns pontos já são comuns aos países latinoamericanos e fazem parte do Projeto Brasil Novo, implantado com o Governo Collor: suspensão das conquistas trabalhistas, privatização e contenção dos gastos públicos, onde a iniciativa privada assume a posição de "salvadora da pátria". A cultura, haja vista o fim dos incentivos a projetos culturais, restringe-se à preservação de patrimônios culturais.

Consideramos que vale a pena a síntese das principais colocações de BARBERO: 1º na indústria Cultural os processos massivos de comunicação não são externos, mas constitutivos dos processos de produção. Daí, a necessidade de pensarmos o popular não mais à margem do processo constitutivo do massivo; 2º revisão dos processos comunicativos a partir das *resistências* e do uso dos meios de comunicação de massa pelas diferentes classes, etnias, gerações etc; 3º o entendimento da comunicação dentro da cultura como a apropriação sendo a competência cultural do povo, a *socialização da experiência coletiva*, o reconhecimento das diferenças se constitui a identidade que se fortalece na comunicação: *solidariedade* e 4º comunicar culturalmente não significa apenas ampliar o público consumidor de uma boa cultura. É permitir a apropriação e a experimentação em função de sua identidade.

O autor colombiano não pretende abolir o aspecto difusionista de popularizar as obras, mas a base desta nova proposta é de reconhecer a produção de outras classes, povos, etnias, etc. A questão de comunicação e cultura não se insere efetivamente nos aspectos tecnológicos, mas deve ser analisada pelos vários *modos e espaços de reconhecimento social*. A proliferação das tevês e vídeos domésticos tem a ver com a privatização da vida em apartamentos em detrimento de espaços culturais coletivos.

### 2.3 - O Paradigma dialético-popular

Afinal, *de que educação/comunicação estamos falando?* Estas respostas sintetizam, em outras palavras, o tema deste trabalho: *educação/comunicação, a serviço de quem?* A escolha do paradigma teórico-metodológico pelo pesquisador vai definir, portanto, o rumo que a investigação vai tomar em função das convicções ideológicas do agente, de sua visão de mundo. Consideramos de importância vital esta compreensão na



medida em que este posicionamento nos conduzirá a análise da proposta de uma educação e de uma comunicação populares, a partir das pistas que nos foram fornecidas.

Logo de início, podemos descartar com veemência, quaisquer defesas da suposta "neutralidade ideológica", fruto do equívoco da objetividade dos funcionalistas. "... O posicionamento político de uma pesquisa científica se dá na definição de seus objetivos. Neste momento, admitindo-o ou não, o pesquisador demonstra suas convicções políticas e ideológicas." <sup>8</sup>

Como nos afirma BARBERO, com muita propriedade, *a direita está se apropriando dos objetos de pesquisa da esquerda e submetendo-os a uma operação de neutralização*. O autor chama tal postura de esquizofrênica, onde só há lugar para especulação e para *"escapismo político"*, como forma de evitar a ação.

*.. A fragmentação e a descontextualização são colocadas como condições para a objetivação, isto é, para que uma problemática possa ser "tratada cientificamente". Assim, a problemática da penetração e da dominação cultural é convertida na do intercâmbio ou relações interculturais...*  
SILVA, 1985, p.71.

A pesquisa em comunicação/educação deve, por conseguinte, estar *comprometida* - na teoria e na prática indissociável e mutuamente influenciadas - *com os setores marginalizados da sociedade*. O conceito de competência na ótica dialético-popular, se contrapõe à idéia de eficácia da fonte, do paradigma funcionalista. Competência vai assumir a dimensão de colocarmos à disposição dos setores populares *elementos de análise do real que não aqueles comprometidos com o projeto de hegemonia burguês*. Significa, em última análise, exercer a tarefa do intelectual (em nosso caso do educador e do comunicador): oportunizar a transformação da consciência ingênua em consciência crítica da classe proletária.

Retomamos a questão axiológica. O direcionamento de qualquer projeto comunicativo e/ou educacional vai acontecer em função da escolha de um dos paradigmas, dos matizes teórico-metodológicos que resulta no posicionamento ideológico do pesquisador. *No ideário dialético, os valores estão no processo de constatação das contradições e na prática da solidariedade entre e para com as classes subalternas*.

---

<sup>8</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesus. Desafios à pesquisa em Comunicação na América Latina. Revista UNIVALLE, nº 6, Colombia, 1981. Trad. Anamaria Fadul p. 29.



O CIDOB-Centro de Informação e Documentação da Bolívia nos coloca à disposição algumas pistas para o desenvolvimento de pesquisa sob a perspectiva das classes trabalhadoras que, com toda certeza, podem servir de orientação para nosso trajeto: a existência de contradições e conflitos, aos quais nos referimos anteriormente. Um ponto que merece destaque é o fato de que a linguagem científica das produções acadêmicas sobre o popular acaba por impedir o acesso dos mais interessados na questão: os trabalhadores. Faz-se necessário que estas avaliações sejam socializadas e popularizadas *a fim de que o povo não seja mero objeto de pesquisa, porém sujeito do processo ao se apropriar destes conhecimentos que protagoniza*. Outro aspecto de igual importância é o objetivo do conhecimento para a transformação. *A militância política faz parte do processo de análise da realidade*, realizado com objetivos de pesquisa; a dimensão de cidadão do pesquisador está presente e precisamos ter consciência disto. Ainda um último fator a ser colocado: a prática deve servir para a reorientação das teorias. Não precisamos de artificialismos acadêmicos que adequem as formulações teóricas e nos conduzam a "resultados" que se tornem inquestionáveis. Precisamos de pesquisadores que - ao checarem suas formulações teóricas com a práxis - sejam capazes de redimensionar suas formulações primeiras a partir deste experienciar.

Nos últimos anos, todavia, verificamos um crescimento da preocupação com as classes populares e, para avaliar estes motivos, recorreremos a CANCLINI (1989) que os divide em sócio-econômicos e políticos. No primeiro grupo podemos destacar: a) o surgimento de favelas ou vilas-miséria como consequência dos acelerados processos de industrialização e urbanização na América Latina que geraram migrações nos anos 40; b) a inclusão de setores populares no consumo, a partir da explosão do mercado econômico e cultural; c) a complexação dos conflitos entre as classes nas áreas urbanas e rurais e entre si as duas. Dentre as razões políticas para maior preocupação com as classes populares, o autor nos enumera: a) o interesse do Estado em conhecer as estruturas culturais dos grupos emergentes ou migrantes para entender os movimentos sociais e b) o fato de as organizações populares e marxistas reconhecerem como causa dos fracassos as concepções clientelistas sobre o desenvolvimento ideológico das massas, a falência das concepções de guerrilha e a idealização do proletariado como única classe revolucionária. Observamos que BARBERO ratifica o pensamento de CANCLINI, ao afirmar:



*... Algo nos resulta insatisfactorio en nuestra propia crítica del estatismo populista. Proponemos una hipótesis: que la insuficiencia de estas objeciones deriva de la manera en que la izquierda ha analizado las relaciones entre cultura y política en las ciencias sociales. MARTIN, 1989,p.27.*

Estes *movimentos de resistência em comunicação popular* tem seguido, historicamente, as seguintes vertentes: na década de 60, a *Escola de Frankfurt*: a denúncia da dominação, a passividade da recepção, a partir da expansão industrial e urbana na América Latina e do desenvolvimento da televisão. A maior contribuição foi o conceito de manipulação dos meios. Nos anos 70, a *influência de GRAMSCI*: autonomia das classes trabalhadoras, os movimentos políticos e a inserção de intelectuais. Como importante herança o conceito de resistência aos meios. Como perspectiva contemporânea, BARBERO propõe a articulação de três conceitos: 1º *Hegemonia*, diferenciando-se de dominação que pressupõe violência; considerando hegemonia como direção ideológica e política de uma classe ou setor faz uma apropriação preferencial das estâncias do poder, em aliança com outras classes. O consumo, conseqüentemente, se caracteriza por processos sociais de apropriação dos produtos, por manifestação dos conflitos entre classes em função da desigualdade de participação da estrutura produtiva e na satisfação de necessidades e distribuição de bens. Não sendo a hegemonia pura dominação, admite-se que as classes subalternas tenham instituições próprias como sindicatos e partidos, estabelecendo-se uma **rede de solidariedade**. BARBERO, faz referência ao trabalho pioneiro de FREIRE, indicando-o como modelo para a América latina. Propõe a transformação da forma dominante de comunicação existente hoje para que as classes dominadas tenham vez. Lembra, oportunamente, a ilusão maclunhaniana de que a alternativa pode vir do meio em si mesmo, que o popular deva ser marginal aos meios. *O popular é heterogêneo; daí devemos estudá-lo no processo ambíguo e conflitivo onde se produz e emerge*. O autor indica duas dimensões do popular: como memória de outra matriz cultural amordaçada, réplica ao discurso burguês, e o popular-massivo, onde a cultura de massa nega as verdades homogeneizando as culturas, e moldando o gosto popular. Destacamos a afirmação de que os intelectuais mascaram gostos de classe por trás de etiquetas políticas que recusam a comunicação de massa em nome da alienação.

Podemos observar que BARBERO ultrapassa a denúncia de manipulação feita pelos frankfurtianos e avança na questão da resistência e do papel do intelectual orgânico em GRAMSCI. Acreditamos que a comunicação dentro do contexto da cultura



mantém a questão de classe. Talvez a maior contribuição do autor seja a de ter levantado outra dimensão - a do popular-massivo - e alertado para os *níveis de "cumplicidade" das classes subalternas para com a hegemonia burguesa.*

### 3- A MANIPULAÇÃO DA IDENTIDADE

A manipulação da identidade se constrói a partir do *estigma*. Ao atributo diferenciado, referenda-se o *status depreciativo* e, a partir desta visão, a relação com o outro se concretiza de forma preconceituosa. Na perspectiva de GOFFMAN (1974), o estigma é a *discrepância* entre a *identidade social virtual* e a *identidade social real*. Em síntese, é a atitude discrepante.

A cultura, normativa, estabelece os padrões de inserção social. É sempre representação. "Dentro ou fora do discurso antropológico, a palavra cultura relaciona-se com práticas de organização simbólica, de relacionamento com o real." <sup>9</sup>

A perspectiva da *exclusão* é estabelecida, portanto, no momento da criação das regras sociais.<sup>10</sup>

É-nos imposto, por conseguinte, um "Manual de bem viver", com caminhos pré-estabelecidos para conquista da carreira em sociedade. A rigor, trilhas são desvios do curso normal, esperado e recomendado. À transgressão, corresponde sanções em vários níveis, dependendo do grau de "marginalidade" que a sociedade considere uma atitude discrepante.

Quando o comportamento desviante é considerado ameaçador ao bem-estar dos "normais", e/ou com perigo de "contaminação", o *transgressor é retirado do convívio social*. Este é o modelo da *Sociedade Disciplinar*. O pressuposto tem origem na religião: busca-se o arrependimento e a correção. Isto só pode ser feito através do isolamento do indivíduo a quem é oportunizado o encontro a sós com sua consciência. É o *princípio da "docilidade"*. A *clausura* constitui, portanto, a característica formal destas instituições "corretivas", onde o *modelo panóptico propicia a total vigilância*:

---

<sup>9</sup> SODRÉ, Muniz. Genealogia do Conceito. In: \_\_\_\_\_. A verdade seduzida: por um conceito de cultura negra no Brasil. Rio de Janeiro, Codecri, 1985, p. 16-17.

<sup>10</sup> A possibilidade do desvio é estabelecida no momento de criação da norma. O conceito de 'outsider' amplamente explicitado neste capítulo. Ver BECKER, Howard. S. Marginais e desviantes. In: \_\_\_\_\_. Uma ação da teoria coletiva. Rio de Janeiro. Zahar, 1970



Em primeiro lugar, são instituições criadas para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são *incapazes e inofensivas*; nesse caso estão as casas para *cegos, velhos, órfãos e indigentes*. Em segundo lugar, a locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmos e que são também uma ameaça a comunidade, embora de maneira não institucional; *sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários*. Um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a humanidade contra perigos intencionais, e o bem estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: *cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração*. GOFFMAN, 1974, p.17.

Podemos afirmar que a sanção e o isolamento são punições corretivas. Há, portanto dois aspectos importantes: 1º a *sanção "normatizante"* e 2º *aceitação do isolamento como instrumento de correção*, tendo no *"arrependimento"* sua função principal. É o aspecto da *"docilização"*.

#### **4- MCM, TRAUMA E CONFORMAÇÃO DE EXPECTATIVAS**

O homem contemporâneo vai oscilar entre o caminho pré-estabelecido pela sociedade ou buscar trilhas e atalhos em função das relações entre risco e prazer.

Comportamentos desviantes passam a ser examinados sob uma nova ótica. *O desvio-pecado, em oposição à virtude; o desvio-doença em oposição aos padrões de sanidade; o desvio-deliqüência em oposição aos padrões morais de conduta cedem lugar ao desvio enquanto aproximação de situação de risco, em consequência da busca do prazer*. As contradições e os tensionamentos se materializam a partir da relação norma e desejo. O desejo é cercado pela possibilidade de risco. *Nesta relação desejo-prazer x norma-risco o trauma se estabelece*.

A sociedade industrializada tem nos meios de comunicação de massa via de regra- mais um meio primário de relações sociais, de modelo social a ser seguido: à escola, à igreja, ao clube, à família somam-se as redes de televisão, as emissoras de rádio, os jornais, as revistas, o teatro, o vídeo.

Os meios de comunicação da sociedade industrializada se constituem-majoritariamente - com reprodutores das regras do bem viver dos grupos sociais hegemônicos. Na sociedade de classes são efetivamente legítimos representantes da ideologia burguesa. *Não ter conduta compatível com os comportamentos esperados (e previstos nas normas) é uma situação de risco*.



No momento em que optamos pela trilha do desejo e resistimos à conveniência da nossa sociedade, abrimos as portas para sermos traumatizados. E é destes traumas que queremos falar...

Ao aplicarmos às questões sociais, verificamos que os grupos hegemônicos escamoteiam, de fato, a realidade ao falar de modo igual sobre os desiguais. "... o interesse essencial da burguesia de ocultar o caráter de classe de sua sociedade e postular sua sociedade como se ela oferecesse oportunidades iguais a todos os indivíduos."<sup>11</sup>.

*A possibilidade de mudança depende, necessariamente, da transgressão, da possibilidade do risco em detrimento de comportamentos socialmente esperados. A reação à uma sociedade opressiva nem sempre acontece de modo não-traumático. É o **modus operandi** da docilização de que nos fala FOUCAULT. O conceito de educação bancária é gerado em SARTRE (alimentar com o saber) e a crítica a esta concepção digestiva é retomada por FREIRE.*

O ponto central de nossa proposta de análise é que a reação à "organização natural" imposta pela sociedade só pode ser vislumbrada a partir da percepção da situação de opressão e desigualdade. A sociedade de classes privilegia alguns em detrimento da maioria das pessoas, daqueles que fazem parte das classes subalternas. *À classe hegemônica interessa a manutenção das tradições como uma forma de dominação.*

A relação dialética que existe entre a vida material e a vida cultural ajuda a compreender o absurdo da posição dos "preservacionistas" da cultura popular. A não ser que se pretenda que o Brasil se estagne, interrompa seu processo de crescimento, não se pode pretender que formas de manifestação cultural arcaicas permaneçam inalteradas. SILVA, 1985, p.47.

O pressuposto teórico da cultura/comunicação populares é que seus conteúdos estejam ideologicamente a serviço de uma práxis de enfrentamento e resistência. *A prática, todavia, não confirma isto necessariamente. As subculturas populares ora refletem essa visão ora colaboram na conformação de expectativas.*

Mass-mediated ideologies are corroborated and strengthened by an interlocking system of efficacious information - distributing agencies and taken-for-granted social practices that permeate every aspect of social and cultural reality. Messages supporting of the status quo emanating from schools, business, political organizations, trade unions, religious groups, the military, and the mass media all dovetail together ideologically. LULL, 1995, p.33.

---

<sup>11</sup> SANTOS, Theotonio dos. Conceito de classes sociais. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 32.



Os conteúdos - que nos permitem sob a ótica ideológica - diferenciar a comunicação hegemônica da comunicação das classes populares - são hegemônicos, mas não totalitários.

A cultura, dinâmica em sua própria concepção, vai permitir a mixagem desses valores. Assim, compreendemos os traços culturais hegemônicos na comunicação das classes populares e, por outro lado, os conteúdos populares chegam até a cultura industrializada. Mas, afinal, *qual o conceito de subcultura, de cultura local?*

...This sense of belonging, the common sedimented experiences and cultural forms which are associated with a place, is crucial to the concept of local culture. Yet as our example of 'planet earth' as a locality shows, the concept of local culture is a relational concept. The drawing of a boundary around a particular space is a relational act which depends upon figuration of significant other localities, within which one seeks to situate it. FEATHERSTONE, 1995, p.92.

A reapropriação do conceito de *subcultura* (LULL, 1995) nos permite a referência às culturas populares sem a hierarquização imposta pela cultura erudita pressupõem-se a estratificação cultural onde a cultura dominante se relaciona em suposta oposição às culturas populares. A bem da verdade, *as culturas de rua* (street cultures) - como o autor as nomeia - podem resistir ou aderir à cultura hegemônica.

É uma abordagem que permite a *análise da comunicação das culturas populares a partir da oposição ou não à cultura dominante*. O desvio - enquanto situação traumática na relação norma-desejo, risco-prazer - pode se consolidar como transgressão passível de sanção e/ou geradora de mudança.

## 5 - CONCLUSÃO

A revisão dos paradigmas teórico-metodológicos em educação e comunicação e a análise da questão ideológica na relação entre a comunicação da cultura dominante e a comunicação das culturas populares, fazem-nos concluir, preliminarmente:

1º a defesa da neutralidade ideológica das ciências sociais é construção ideológica, pois a escolha do paradigma teórico-metodológico já é um juízo de valor;

2º elegemos o referencial dialético popular por ser o único a estabelecer redes de solidariedade, pressuposto da comunicação popular;

3º a transgressão pode ser um agente de efetivas mudanças sociais;



4º a educação/a comunicação, ao basear-se no modelo, está comprometida com posicionamento ideológico;

5º os MCM têm papel preponderante junto aos grupos primários de relações sociais na conformação de expectativas, na reprodução de valores;

6º os conteúdos contestatórios do **status quo**, de resistência, não são constantes na comunicação das culturas populares. Alguns são de aderência à comunicação da cultura hegemônica;

7º o trauma, resultado da luta entre norma e desejo, com a manipulação da identidade é reflexo da estrutura social normatizante que cria e mantém critérios de exclusão social.



## 6- REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. S. Marginais e desviantes. In: \_\_\_\_\_ **Uma ação da teoria coletiva**. Rio de Janeiro. Zahar, 1970.
- CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**.
- FEATHERSTONE, Mike. Global and local cultures. In: \_\_\_\_\_ **Undoing culture: globalization, postmodernism and identity**. Londres, Sage, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis. Vozes, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
- GOFFMAN, Erving. As características das instituições totais. In: \_\_\_\_\_ **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- LULL, James. **Media communication, culture: a global approach**. Polity Press, Inglaterra, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Street Culture**. Curso FACOM/UFJF, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Comunicación y cultura**. TELOS, Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad, nº 19, Madrid, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Desafios à pesquisa em Comunicação na América Latina**. Revista UNIVALLE, nº 6, Colombia, 1981. Trad. Anamaria Fadul.
- RIESSMAN, Frank. **Trabajo psicologico y pedagogico con niños de clases populares**. Argentina, Tiempo Contemporaneo, 1974.
- SANTOS, Renato Quirino dos. **Educação e extensão: domesticar ou liberar?** Petrópolis, Vozes, 1986.
- SANTOS, Theotonio dos. **Conceito de classes sociais**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- SILVA, C. E. Lins da. **Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo, Summus, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Cultura de massa e cultura popular: questões para um debate*. In: MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo. Cortez, 1980. p. 41 - 48
- SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**. Petrópolis, Vozes, 1986.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação, representação e ideologia**. Anotações de aula. Doutorado ECA/USP, 1990.
- SODRÉ, Muniz. Genealogia do Conceito. In: \_\_\_\_\_. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura negra no Brasil**. Rio de Janeiro, Codecri, 1989, p. 16-17.
- VAZ, Paulo. **Valor e pensamento: da regularidade à incerteza**. Anotações de aula. Doutorado ECO/UFRJ, 1998.